



# As ciências de Shane Carruth

Por Leonardo Otto

A maneira como Shane Carruth faz um filme de ficção científica, ao menos em *Primer* (2004), é bem matemática. Isso talvez se deva a formação do diretor, que decide se arriscar no cinema tendo como seu primeiro filme algo de um gênero que sempre que se vem à cabeça talvez se imagine com grandes efeitos especiais, trilha pesada, entre outras características que são exploradas. Aqui ele foge de tudo isso. Feito às próprias custas e contando com a ajuda de amigos, Shane dirige, roteiriza, atua, compõe a trilha e faz de *Primer* o seu debute no cinema, sendo premiado em festivais que dão ao filme uma alcunha de “cult”, principalmente por ter ganhado Sundance.

O filme narra a história de dois amigos engenheiros, Aaron (interpretado por Shane) e Abe, que realizam experimentos científicos junto com outros amigos em uma garagem, fato bem comum nos Estados Unidos (vide a Apple, que nasce na garagem de Steve Jobs).

O experimento é sobre bloquear a força da gravidade, assim reduzindo o peso interior de objetos, mas as coisas dão “errado” e acabam gerando outra descoberta mantida em segredo por Aaron e Abe: o fato do experimento se tratar de viagem no tempo. A partir dessa descoberta, eles a usam para um artifício que normalmente é praticado quando se consegue essa façanha: ganhar dinheiro em cima disso, já que vão ter esse controle temporal. Mas essa jornada traz resquícios, já que como resultado da viagem eles acabam se duplicando, ou seja, no momento em que eles viajam, reproduzem uma cópia de si dentro da linha temporal. Assim, coexistem ao mesmo tempo. Tal descoberta faz o filme ganhar uma outra pegada, tendo um ar de suspense no ambiente dos personagens, que agora se deparam com tal complicação.

O diretor não usa de muita movimentação de câmera, quase sempre ela está parada e com seus personagens transitando em frente a ela, por vezes tomando um ar de *found footage* com o uso de metalinguagem, principalmente nas cenas na garagem, o que dá um aspecto mais interessante para o filme. Mesmo com a mudança gerada pela descoberta de suas cópias, o ritmo do filme não chega a mudar, permanecendo nessa “lentidão”. Quanto à trilha, ela é sempre usada nos momentos mais “científicos”. A composição é própria, mas sempre com uma atmosfera bem presente no gênero. Também há de se ressaltar os muitos diálogos

técnicos e confusos, que em certa medida acabam por se tornar maçantes, mesmo com essas viradas de tom.

Pode-se dizer, de certa maneira, que a equação que Shane Carruth propõe em *Primer* se resolve ao final dos 73 minutos de duração do filme, o que parece ser muito mais devido à complexidade da matemática, que parece básica quando revela se tratar de uma viagem temporal, mas a qual começa a ganhar mais dificuldade quando se propõem outras contas nessa fórmula. Ainda assim, parece ser muito segura do que quer e do resultado ao qual vai chegar: que no fim das contas certas descobertas nem sempre vêm para o bem, e que com o poder sempre vem junto no pacote a ganância. E é em cima dessas premissas que a divisão que Aaron sofre no filme se coloca como um resultado final da equação, que tem três respostas diferentes, já que cada Aaron e Abe irão seguir um rumo próprio, quase como que se cada um fosse uma personalidade da mesma pessoa.

Se nesse primeiro filme a base científica é de certa maneira matemática, no segundo ele já parte para as ciências biológicas, pois afinal, se o nome do gênero se dá por ficção CIENTÍFICA, ele pode englobar qualquer área da ciência, certo? Não sei, e nem vou tentar definir isso, que não é o caso aqui, mas fica a questão.

Em *Cores do Destino* (2013), o único fato que se repete é a aventura que Shane faz novamente como diretor, ator, roteirista, produtor e compositor. Nota-se uma evolução do diretor na linguagem, com muito mais cortes, planos próximos, closes e detalhes. Ele parece estar mais à vontade com o fazer filmico e busca maior exploração, a qual também se dá no som com auxílio do vilão do filme que em vários momentos está capturando sons pelos locais que passa (tanto que esse é um meio que ele utiliza para “encantar” seus alvos). Esses sons se misturam na trilha, algo muito destacado e melhor trabalhado nesse filme. O elenco novamente é enxuto, com três personagens principais. Além de Shane, participam do filme Amy Seimetz, interesse romântico/biológico, e o “vilão” do filme Andrew Sensenig.

Se Shane diversifica a sua linguagem filmica, no quesito narrativa ele novamente faz uma obra de difícil acesso e de certa “bravura” pra embarcar nos 96 minutos de filme. A história começa acompanhando o processo de criação de um tipo de droga (não fica muito claro), droga essa que será

usada em Kris, a personagem principal, como parte de um experimento. É aí que entra o biológico no relacionamento entre Shane e Amy, como os dois fizeram parte do mesmo experimento, acabam compartilhando lembranças, sem ter certeza de quem é tal memória. Quanto ao vilão, há uma certa dualidade pois o seu experimento é uma forma de curar as pessoas. Em contrapartida, compromete muito da vida das cobaias. Mas caso tenha a disposição necessária, tal dificuldade de compreensão é de certa forma recompensada. Apesar de algumas derrapadas, o filme consegue se resolver e as *Cores do Destino* (tradução de *Upstream Color*) encontram um desfecho tanto para os humanos quanto para os porcos.

Por fim, explicações não fazem muito sentido nesses filmes, e é com certo interesse por esse meio que olho esse começo de carreira de Shane Carruth que traz as suas ficções científicas para a tela. E tal interesse não foi só meu, o diretor já vai para o seu terceiro filme, agora com a tutela de uma grande produtora e um elenco recheado de estrelas. Sendo assim, é esperar e torcer, para que Shane tenha a liberdade criativa para o seu trabalho e não seja engolido no jogo de interesse (\$\$\$) que é o cinema no qual vai embarcar.

Por Leonardo Otto